



2233 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

#### UMA CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS JUVENTUDES DO ENSINO MÉDIO: PESQUISAR PARA QUE?

Angela Maria de Sousa Lima - UEL - Universidade Estadual de Londrina

**RESUMO:** Intenciona-se, neste artigo, apresentar o processo de elaboração/aplicação dos questionários, os principais resultados quantitativos gerais e os primeiros trabalhos científicos produzidos a partir da pesquisa realizada pelos colaboradores do Lenpes (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia) e do Projeto de Pesquisa “Juventudes no Ensino Médio: um Estudo Sociológico em Escolas Públicas da Região de Londrina”, da Universidade Estadual de Londrina, com o apoio do Obeduc (Observatório da Educação) e do Pibid (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência), entre 2015 e 2016, junto às oito escolas públicas, localizadas nos municípios de Londrina e de Rolândia, mostrando a relevância metodológica da caracterização sociológica das juventudes do Ensino Médio e das suas percepções acerca de diferentes fenômenos sociais, e, sobretudo, as contribuições desses dados na atualização dos PPPs (Projetos Político Pedagógicos), no aprimoramento dos planos de aula da disciplina de Sociologia e na confecção de trabalhos por licenciandos, egressos, pós-graduandos, professores da UEL e das escolas públicas da rede estadual e federal dessa região.

**Palavras-chave:** Caracterização Sociológica. Juventudes. Ensino Médio. Ensino de Sociologia.

#### UMA CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS JUVENTUDES DO ENSINO MÉDIO: PESQUISAR PARA QUE?

**RESUMO:** Intenciona-se, neste artigo, apresentar o processo de elaboração/aplicação dos questionários, os principais resultados quantitativos gerais e os primeiros trabalhos científicos produzidos a partir da pesquisa realizada pelos colaboradores do Lenpes (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia) e do Projeto de Pesquisa “Juventudes no Ensino Médio: um Estudo Sociológico em Escolas Públicas da Região de Londrina”, da Universidade Estadual de Londrina, com o apoio do Obeduc (Observatório da Educação) e do Pibid (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência), entre 2015 e 2016, junto às oito escolas públicas, localizadas nos municípios de Londrina e de Rolândia, mostrando a relevância metodológica da caracterização sociológica das juventudes do Ensino Médio e das suas percepções acerca de diferentes fenômenos sociais, e, sobretudo, as contribuições desses dados na atualização dos PPPs (Projetos Político Pedagógicos), no aprimoramento dos planos de aula da disciplina de Sociologia e na confecção de trabalhos por licenciandos, egressos, pós-graduandos, professores da UEL e das escolas públicas da rede estadual e federal dessa região.

**Palavras-chave:** Caracterização Sociológica. Juventudes. Ensino Médio. Ensino de Sociologia.

#### INTRODUÇÃO: PROCESSO DE ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DA PESQUISA

O universo que constituiu a amostra foi composto por oito escolas Estaduais de Londrina, uma escola Estadual de Rolândia e o Instituto Federal do Paraná de Londrina (IFPR). A coleta dos dados, que produziu 1369 (mil trezentos e sessenta e nove) questionários respondidos, deu-se de novembro de 2015 a março de 2016, a partir de 1546 (mil quinhentos e quarenta e seis) questionários aplicados, com 103 (cento e três) perguntas abertas e fechadas organizadas no formato digital, operacionalizadas de forma *online* com o auxílio do Programa Infosoc nos Laboratórios de Informática das referidas instituições: Colégio Estadual Benjamim Constant (185 questionários respondidos), Colégio Estadual José Anchieta (217 questionários respondidos), Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva (556 questionários respondidos), Colégio Estadual Rina Francovik (55 questionários respondidos), Colégio Estadual do Distrito de Maravilha (44 questionários respondidos), Colégio Estadual Heber Soares Vargas (53 questionários respondidos), Colégio Estadual Vani Ruiz (67 questionários respondidos) e Instituto Federal do Paraná (178 questionários respondidos).

Prevíamos aplicar o questionário em trinta escolas, listando-se as instituições onde os colaboradores externos do Lenpes atuavam. O elemento externo que mais interferiu foram as manifestações e as greves dos professores, assim como as Ocupações Estudantis que ocorreram nesse período. A aplicação dos questionários aconteceu durante as aulas de Sociologia e, no caso do Colégio Estadual Benjamim Constant, nas aulas de Filosofia. Este foi um acordo feito com os professores colaboradores externos do referido Projeto de Pesquisa e do Projeto de Pesquisa em Ensino “Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia: “Formação Inicial e Continuada de Professores das Ciências Sociais, Elaboração de Materiais Didáticos e Pesquisas Sobre Juventudes e Desigualdades Socioeducacionais”, já que as perguntas foram minuciosamente elaboradas por eles em reuniões dos projetos na UEL e no Colégio Est. Benjamim Constant, desde o segundo semestre de 2013.

A ideia de criar um questionário dessa natureza foi sugerida pelos próprios professores de Sociologia dessas escolas. As diferentes sugestões de pesquisa convergiam na necessidade de conhecer melhor o que estavam pensando as juventudes acerca de variados fenômenos sociais e de aprimorar as aulas da disciplina de Sociologia que ministravam no Ensino Médio, por exemplo, inserindo dados e exemplos mais próximos das realidades dos estudantes para dialogar com os conteúdos estruturantes. Havia ainda a necessidade de atualizar o item intitulado “clientela” no PPP (Projeto Político Pedagógico) das escolas, que, segundo os docentes, generalizavam características sobre os jovens por desconhecer as especificidades de suas realidades e percepções.

O processo coletivo de elaboração do questionário merece ser destacado, pelas parcerias entre projetos (Obeduc, Pibid, Infosoc, Lerr), pela quantidade de reuniões exigidas, pela assessoria que recebeu de professores aposentados do departamento, pela aproximação que gerou entre universidade e Ensino Médio, mas, sobretudo, pelo aprendizado didático e teórico-metodológico que propiciou a cada graduando, pós-graduando, egresso e docente colaborador do projeto. Uma ou duas perguntas tomavam uma reunião inteira, por exemplo: sexo/gênero; raça/cor; renda; religiões e suas práticas; listagem das pessoas com quem moravam; beneficiamentos por programas governamentais;

principais assuntos que discutiam em casa; representação do Grêmio Estudantil na escola; etc. Questionamentos que, à primeira vista, pareciam simples, mas que se desdobravam em muitas complexidades importantes quando éramos conduzidos pelas pesquisas e teorias trazidas por docentes e estudantes pesquisadores de cada uma dessas especificidades temáticas.

Por isso, podemos afirmar que o próprio processo de elaboração da pesquisa intensificou não só a parceria entre professores de Sociologia das escolas públicas; licenciandos; pós-graduandos da “Especialização em Ensino de Sociologia”; mestrandos de Ciências Sociais, sobretudo da linha de “Ensino de Sociologia”; estagiários e docentes, como já foi dando pistas de respostas para um dos propósitos comuns da investigação que centrava-se na necessidade de ampliar a compreensão das características e percepções das juventudes que frequentam o Ensino Médio na rede pública de ensino da região de Londrina.

## **TRABALHOS JÁ CONCLUÍDOS A PARTIR DESSA PESQUISA**

Vários trabalhos científicos acerca da análise sociológica desses dados, relacionados à linha de “Ensino de Sociologia” do Mestrado de Ciências Sociais, à Especialização em “Ensino de Sociologia” e à Área “Metodologia e Prática de Ensino” da UEL foram finalizados nesse mesmo período, entre eles: “Múltiplos olhares dos estudantes do Ensino Médio de Londrina e Rolândia/Pr: uma caracterização sociológica” (2016); “Caracterização Sociocultural dos estudantes do Ensino Médio: Estudo de caso em uma escola da Rede Estadual de Londrina” (2017); “Gênero nos currículos e nas percepções das/dos estudantes do Ensino Médio: uma caracterização sociológica” (2017); “Metodologia Quantitativa à serviço das Ciências Sociais: práticas de pesquisa do Obeduc e Laboratórios Lerr e Lenpes” (2017); “Caracterização sociológica dos estudantes do Ensino Médio e Profissional do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva – Rolândia/Pr” (2018); “Caracterização sociológica das juventudes do Ensino Médio: estudo em uma escola estadual de Londrina” (2018). De certo modo, essa categoria é a que conduzirá todas as reflexões que pretendemos efetuar a partir dos dados quantitativos apresentados na próxima seção. Mesmo diante desse primeiro recorte, que exclui as respostas dissertativas presentes no mesmo questionário, hipotetizamos alcançar, para além do retrato de um perfil dos estudantes, uma caracterização sociológica dessas juventudes que frequentavam o Ensino Médio nessas escolas públicas naquele instante da pesquisa.

Aqui, defende-se uma concepção sociocultural de escola e de juventudes, baseada, sobretudo, nos estudos do sociólogo Juarez Dayrell (1990), por compreender que para além do processo de reprodução das relações desiguais de classe, de poder e de exclusão, a escola é um campo importante no processo de produção de conhecimentos, de consciência e de novos olhares, contruído dialeticamente por estudantes e profissionais da educação, entendidos como seres socioculturais questionadores, críticos, intelectuais e produtores de diversos saberes.

## **CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS DOS JOVENS RESPONDENTES**

Para identificar o que chamamos inicialmente de “perfil dos estudantes” do Ensino Médio dessas oito escolas públicas, tínhamos um conjunto de perguntas que objetivava conhecer melhor seus universos socioculturais, tais como: a modalidade de ensino; a série; a turma; o período; o ano de nascimento; o sexo; o gênero; a orientação sexual; a cor; o estado civil; se tinham filhos e quantos; se possuíam religião e, caso sim, se frequentam tais comunidades religiosas. Em síntese, os dados indicaram que a maioria dos estudantes respondentes cursava a 1ª série do Ensino Médio matutino não profissional, com idades entre 16 e 18 anos, obtendo-se praticamente quase a mesma porcentagem de meninos e meninas, que, em geral, se identificaram como heterossexuais e negros. Eram solteiros, sem filhos e a maioria confirmou possuir uma religião, predominantemente católica ou evangélica, inclusive dizendo frequentar mais de uma vez por semana suas comunidades religiosas, mesmo que suas famílias, de modo geral, colaborassem pouco com as ofertas/dízimos nessas instituições religiosas. Compreendê-los sob esses primeiros aspectos torna-se cada vez mais relevante, pois como mostram Capelo e Amaral (2013, p. 204), “muitos alunos são desconhecidos por parte dos professores, posto que, além de desiguais, provêm de diferentes territórios de socialização e sociabilidades, cujas características são ignoradas” na escola. Os mesmos autores afirmam que;

Como professores, não somos capazes de compreender a diversidade, seja étnica, etária, de gênero, de orientação sexual, territorial e todas as dimensões do que é ser criança, adolescente e jovem em dada situação de classe. Prevalece um paradigma de aluno que parece ser único, universal, um aluno vazio [...]. (CAPELO e AMARAL, 2013, p. 204).

Outro conjunto de perguntas abordou: com quem moravam; se tinham irmãos e quantos; se estes irmãos terminaram o Ensino Médio; se tinham familiares concluintes ou cursando o Ensino Superior; se haviam pessoas da família beneficiadas por algum programa governamental; a renda mensal familiar; quem mantinha financeiramente essa casa; os responsáveis pelas atividades domésticas; a escolaridade dos pais e/ou responsáveis; se estes pais e/ou responsáveis trabalhavam fora e se possuíam carteira assinada; quem auxiliava-os nas tarefas escolares; quais assuntos mais discutiam em casa; se moravam em casa própria; se eles, seus pais/responsáveis e avós já moraram na zona rural; o meio de transporte utilizado para chegar na escola; o tempo do percurso entre a casa e a escola. Sintetizando, notamos que a maioria dos entrevistados morava com os pais, tinham poucos irmãos, raros destes irmãos cursavam ou tinham concluído o Ensino Médio. Um número menor ainda de entrevistados tinham irmãos cursando ou concluintes do Ensino Superior. O índice de escolarização, tanto dos irmãos quanto dos pais, mostrou-se baixa. Boa parte deles não possuía membros da família beneficiados por algum programa de governo. Em geral, suas rendas familiares mensais variavam entre um e cinco salários mínimos. A maioria das mães dos pesquisados terminou o Ensino Médio, trabalhava dentro e fora de casa, exercendo as mais diversas profissões, em geral com registro em carteira inseridas em ocupações que demandavam baixa remuneração. Boa parte dos entrevistados indicou que desenvolviam as tarefas escolares em casa sozinhos e quando recebiam auxílio este vinha das mães. Os três assuntos mais discutidos em casa eram trabalho, educação e religião. Em geral, os pesquisados moravam em casa própria, nunca moraram no campo, embora a maioria dos seus pais e avós sim. Uma parte significativa desses jovens chegava na escola a pé ou de ônibus.

Para compreendermos a relação dos jovens com o mundo do trabalho, manuseamos as seguintes perguntas: se o estudante trabalhava e o que fazia; quantos dias e horas por semana eram ocupados pelo trabalho; se possuíam vínculos trabalhistas; desde que idade possuíam registro em carteira. Neste contexto, a pesquisa mostrou que a maioria dos entrevistados não trabalhava. Porém, se somarmos a quantidade de estudantes que trabalhavam, que já tinham trabalhado, mas naquele momento não estavam trabalhando e que se diziam desempregados temos 35,2% nessa condição, ou seja, uma parcela relevante de jovens trabalhadores que cursam o Ensino Médio. E estes estudantes trabalhadores realizavam diversas atividades laborais, destacadas, em geral, por baixa remuneração e pela informalidade. A maioria desses jovens iniciou a experiência no mundo do trabalho ainda adolescentes. Enquanto os dados do Observatório do PNE (2014-2024) mostram que apenas 62,7% dos jovens de 15 a 17 anos estão matriculados no Ensino Médio no Brasil, temos nessa amostra uma quantidade significativa de jovens inserida no que denominamos distorção idade/série e já sendo obrigados a conciliar escola e trabalho. Isso porque a maior parcela de nossa amostra está centrada no período matutino.

Para entender a relação dos jovens com os estudos e a escola foram elencadas várias perguntas: desistência ou não dos estudos, indicando a série em que parou; se já pensaram em desistir dos estudos; os anos que ficaram sem estudar; se as famílias os estimulavam a continuar

os estudos; os cursos técnico-profissionais ou cursos superiores em que gostariam de se inserir; se pretendiam ser docentes e, caso sim, em qual área/disciplina; os problemas que prejudicavam sua concentração nas aulas, indicando os motivos; por que os pais/responsáveis tinham escolhido a referida escola; se participavam do Grêmio Estudantil e a representação desse movimento na escola; o espaço e o horário que mais gostavam e menos gostavam na escola; se sofreram ou praticaram discriminação no ambiente escolar; e, por fim, os critérios utilizados na escolha de um amigo.

A pesquisa mostrou que boa parte dos jovens pesquisados não tinha desistido dos estudos. Dentre os poucos que já pararam de estudar, a maior parte estava cursando a 2ª série do Ensino Médio. O maior motivo da desistência foi o trabalho. Estes poucos, em geral, permaneceram um ano sem estudar. Porém, suas famílias os apoiavam a continuar estudando. A grande maioria dos estudantes não pretende fazer cursos técnico-profissionais de nível médio. Os poucos que desejavam, indicaram um curso voltado para a área de Informática, de preferência a ser realizado no SENAI. Parte mais significativa das juventudes deseja ingressar no Curso Superior, nas mais diversas áreas do conhecimento. Porém, o maior grupo de pesquisados nunca pensou em ser professor. Os raros estudantes que assinalaram sim pretendiam trabalhar com a disciplina de Educação Física.

Dentre os problemas que mais atrapalhavam o rendimento dos estudantes, segundo suas próprias percepções eram: o barulho, o cansaço, a concentração e a fome. Em geral, os pais/responsáveis escolheram a escola por ser perto de casa. A pesquisa mostrou que a maioria das escolas investigadas tinha Grêmio Estudantil, no entanto, os estudantes disseram não participar do movimento, demonstrando que este não possuía uma representação tão importante na escola. O espaço da escola preferido pelos estudantes era a quadra e o horário preferido era o recreio. Na escolha de amigos, os critérios mais utilizados eram os gostos diversos, as afinidades musicais e o fato de considerarem-lhes inteligentes.

A maior parte dos jovens disse não sofrer discriminação dentro da escola (64,9%), porém o grupo dos que afirmaram ter sofrido também foi muito representativo (24,5%) diante da gravidade dessa violência. Em geral, aqueles que sofreram discriminação, elencaram como justificativa a aparência física e/ou comportamento. A maioria dos entrevistados afirmou não praticar nenhum tipo de discriminação na escola. Os jovens que praticaram revelaram as mesmas justificativas. Cabe destacar que a terminologia "aparência física", na maior parte das vezes, esconde ações de racismo.

Para compreender as diversas relações que as juventudes estabeleciam com o seu tempo livre, lhes perguntamos: a quantidade de horas dormidas; o acesso e a frequência no uso da internet em casa; os conteúdos *online* mais acessados; os hábitos de ler livros e jornais; os hábitos de assistir/ouvir programas de televisão e de rádio; seus gostos por filmes e músicas; atividades desenvolvidas nos finais de semana; se já viajaram para outros países; se fizeram algum regime para emagrecer; se praticavam algum esporte fora da escola; e se realizavam algum curso complementar à sua escolarização.

Muitas características socioculturais das juventudes puderam ser apreendidas nessa seção. Observamos que os estudantes dormiam em média oito horas por dia, possuíam internet em casa, acessando de 6 a 8 horas por dia os principais conteúdos: músicas, redes sociais e seriados. Vimos que os jovens não tinham o hábito de ler livros, nem jornal impresso. Uma parte significativa deles assistia televisão, principalmente novelas. Os que assistiam filmes preferiam comédia. Não tinham o hábito de ouvir rádio. No estilo musical preponderou o gênero sertanejo. Muitos jovens se identificavam como esportistas ou como skatistas, sabendo-se que aqui a listagem de estilos mostrou-se amplamente diversificada. Em geral, os jovens saíam nos fins de semana e apenas alguns deles tinham viajado para outros países, indicando o Paraguai como destino. Observamos que grande parcela dos entrevistados não fazia regime para emagrecer e também não praticava nenhum esporte fora da escola. Os poucos que praticavam, indicaram o futebol. Raros deles faziam cursos complementares à sua escolarização. Os poucos que faziam especificaram principalmente o Curso de Línguas.

Importante relacionar essas caracterizações com a necessidade, já problematizada por Capelo e Amaral (2013, p.202), "de pensar a educação escolar num tempo em que a socialização infanto-juvenil é permeada de mediações tecnificadas que produzem outros alunos, diferentes daqueles esperados pela racionalidade que impera na cultura escolar vigente". Segundo os autores, "ainda que o acesso aos meios tecnificados esteja ligado ao pertencimento de classe social, ninguém consegue escapar das influências das mediações imagéticas e digitais" (2013, p.203).

## **PESQUISAR PARA QUE? A RELEVÂNCIA DA CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS JUVENTUDES PARA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE**

Apesar da terminologia "caracterização sociológica" aparecer em alguns trabalhos científicos da área de Ciências Sociais, como de José de Souza Martins "*Frente Pioneira: contribuição para uma caracterização sociológica*", publicado em 1972 na Revista Cadernos do Ceru/Usf, são raras as pesquisas que a conceituam enquanto procedimento metodológico. Por outro lado, essa terminologia é utilizada desde a década de 1960, dentro e fora do Brasil. Segundo Manuel Lisboa;

Em 1969 (Análise Social n.ºs 27-28), Adérito Sedas Nunes e David Miranda publicam "A Composição Social da População Portuguesa: alguns aspectos e implicações", um trabalho fundamental para a compreensão da sociedade portuguesa. É o primeiro estudo que tem a ambição de fazer uma caracterização sociológica da estratificação social em Portugal. Trata-se de uma investigação empírica, baseada em dados estatísticos do Recenseamento da População. [...] (LISBOA, 2016, p.26).

Por caracterização sociológica compreendemos um procedimento metodológico que se define no modo como utilizamos informações empíricas, relacionando-as aos contextos socioculturais, políticos e econômicos, geralmente instrumentalizado por dados quantitativos detalhados, colhidos por meio de amostras significativamente representativas de certos fatos sociais, algo que necessita expandir a definição de um perfil ou de diferentes perfis, no nosso caso das juventudes do Ensino Médio das escolas públicas dos municípios de Londrina e de Rolândia. Afinal,

[...] fatos nunca são apenas fatos, mas antes [...] estão 'carregados de teoria' cada afirmação de um fato pressupõe uma teoria que explica que entidades estão ali para serem descritas, que características elas podem ter, quais destas características podem ser observadas e quais podem ser apenas inferidas a partir de características observáveis [...] nunca podemos tomar os fatos como óbvios. Não há fatos puros, apenas 'fatos' que adquirem significado a partir de uma teoria subjacente. [...] Em vez de fatos sustentados por evidências que os tornam fatos aceitáveis como fatos, temos fatos baseados numa teoria, aceitos por algumas pessoas porque foram colhidos de uma maneira aceitável para alguma comunidade de produtores e usuários. (BECKER, 2009, p. 24-25).

Ela não chega a ser um estudo das representações sociais, como fizeram Moscovici (2003) ou Becker (2009), nem uma investigação micro sociológica como elaboraram Simmel (2002) e Goffman (1975), mas, mesmo dentro de seus limites, em trabalhos subsequentes, nos permite compreender trajetórias, expectativas, demandas, perspectivas, vivências, interações, articulações e relações dinâmicas entre o micro e o macro contextos das esferas objetivas e subjetivas das percepções dos sujeitos pesquisados. Desta maneira operamos com tal procedimento metodológico neste artigo, a fim de detectar características possíveis dessas juventudes como grupo social específico, plural e diverso, elaborando sínteses de cada um dos eixos e captando, de modo sistematizado, os principais sentidos que estes imprimem na compreensão de vários fenômenos sociais atuais. No nosso modo de ver, caracterizar sociologicamente um objeto no campo das Ciências Sociais significa buscar o entendimento de comportamentos, olhares, práticas, experiências, diálogos, contradições, interfaces, permanências e rupturas, de modo a nos permitir uma fotografia um pouco mais nítida dos recortes de pesquisa.

Sob o prisma da caracterização sociológica, compete ao professor pesquisador trazer à tona as descrições que podem ocultar-se atrás dos bastidores. Através de um “olhar disciplinado”, é preciso sobrepor-las às aparências cotidianas imediatas, ao passo que vai reconstituindo, por meio da especificação dos dados, as intersecções entre as particularidades e as generalidades, delineadas em um mapa investigativo, minuciosamente composto por vozes, realidades, subjetividades e experiências. Afinal, como disseram Tim May e Z.Bauman;

Sociologia é um olhar disciplinado que analisa como procedemos no cotidiano e aloca detalhes dessa análise em um mapa, que se estende para além de nossas experiências imediatas. Podemos ver como os territórios que habitamos se encaixam e se relacionam com um mundo que não temos oportunidade de explorar sozinhos, mas que pode conformar e estruturar nossa vida (MAY e BAUMAN, 2010, p. 265).

Como já disse Becker (2009, p. 23) “uma parte de qualquer relato sobre a sociedade [...] é uma descrição de como as coisas são: como alguns tipos de coisas são, em algum lugar, em algum momento”. Vendo assim, a caracterização sociológica nos possibilita uma descrição da realidade, possível de ser explicada quando recortada num determinado contexto. Como procedimento de pesquisa, permite-nos gerenciar, sob o olhar atento dos dados estatísticos, as clivagens, as assimetrias, as associações e as ambivalências, propícias para comunicar variáveis menos genéricas, captadas em campos tão complexos como a escola. Sabe-se que assim como as ações, as vozes dos estudantes do Ensino Médio são dotadas de múltiplos sentidos. Este modo de pesquisa tenta reconstituir tais sentidos, delimitando-os num período histórico específico. Na mesma direção, esse procedimento nos leva a uma interpretação relacional desses conhecimentos apurados, saberes estes que não podem ser compreendidos de modo isolado e nem vistos como encerrados em suas próprias caracterizações. Há de se fazer referência aos outros e às circunstâncias sociais em que essas juventudes se encontram atualmente. Significa afirmar que;

Cientistas sociais e cidadãos comuns usam rotineiramente não somente mapas, mas também uma grande variedade de outras representações da realidade social [...] de modo a explicar quem são e o que estão fazendo. Todos eles, como os mapas, dão uma descrição apenas parcial, mas apesar disso, adequada para algum objetivo. Todos emergem em contextos organizacionais, que limitam o que pode ser feito e definem os objetivos a que a obra deverá atender. (BECKER, 2009, p. 15).

Pinçar características sociológicas das juventudes que compõem o Ensino Médio de escolas públicas de dois municípios do Paraná, neste dado contexto histórico-social e político, sistematizando informações de seus “perfis” e de suas percepções acerca de realidades concretas que permeiam as situações desiguais das escolas públicas brasileiras e paranaenses, não deixou de se configurar em um grande desafio teórico-metodológico. Mesmo que, dados os recortes do texto, nossas reconstruções procedimentais não tenham ultrapassado as descrições, nesse momento ainda um tanto genéricas, dos seus modos de inserção nas famílias, nas escolas, no trabalho, no tempo livre e nas atividades culturais, essa ferramenta metodológica, pormenorizada em futuros trabalhos, poderá propiciar recontextualizações, discriminações de dados, revelando uma multiplicidade de envolvimento dessas juventudes com tais instituições e subtemáticas.

Mesmo que o processo de elaboração e aplicação da pesquisa tenha proporcionado significativos aprendizados aos integrantes do Lenpes, como já pontuamos nas subseções anteriores, esse procedimento de pesquisa não pode ser conceituado como registro de uma observação participante no campo das escolas. Sua coleta deu-se por um instrumento mecânico, materializado em um questionário online, aplicado, sobretudo, durante as aulas de Sociologia. Portanto, muitas dimensões socioculturais dos comportamentos e ações dos entrevistados escapam à autora desse artigo. Só poderão ser vislumbradas, mesmo que sob o recorte por instituição, pelos professores dessas disciplinas que tiveram a oportunidade de aplicá-lo e nesse processo vivenciar críticas, sugestões, inserções, diálogos e demais reações dos estudantes respondentes.

Mesmo que a caracterização sociológica nos possibilite reunir, numa descrição mais sistematizada, saberes e fazeres dos partícipes de uma dada comunidade educacional, emersos numa dada cultura escolar, somente as análises provocadas pela interseccionalidade entre diversas categorias – como sexo/gênero, cor/raça, geração, classe, etnia, etc – e por diferentes dimensões (sociais, econômicas, culturais e políticas), permitirão a compreensão de peculiaridades temáticas que uma análise apenas estatística não dá conta.

Por isso, a caracterização sociológica é aqui definida como uma atividade meio e não como uma atividade fim. Distinta de uma descrição genérica de perfis, ela abre espaços para o estabelecimento de diversas relações, pelo fato de indicar pistas acerca de elementos fundantes como as subjetividades, as sociabilidades, os estilos, os modos de existência, as articulações, as diferenças, as mediações, pelos modos como os estudantes expressam, mesmo que em registros escritos, suas formas de enxergar e pensar os fenômenos sociais. Por outro lado, dada a complexidade dessas vozes juvenis e desses modos complexos de perceber os mundos no espaço escolar, só a mensuração dessas informações através de questionário detalhado poderia transportar-nos para além da aparência sensível onde uma observação não participante poderia nos aprisionar. Isso posto porque tratava-se de oito diferentes instituições e mais de um mil sujeitos respondentes.

Tem-se uma amostra extensiva, mesmo com todos os limites que ela carrega. E nossa intenção é que sua extensão possa produzir novas indagações sociológicas, que dialoguem com muitos contextos, temas e fenômenos sociais. Que consiga construir interfaces pluridimensionais, sem riscos de cair nas armadilhas das generalizações que se traduzam em afirmações homogeneizantes sobre as juventudes, já comumente realizadas pelas mídias, por determinados governos e por ideólogos do pensamento conservador, inclusive no campo das políticas educacionais. De modo inverso, espera-se que essa caracterização sociológica, embora quantitativa, subsidie futuras atividades de ensino, pesquisa e extensão do Lenpes, assim como análises sociológicas, antropológicas e políticas, com foco em diferentes concepções teórico-metodológicas, que aprofundando subtemáticas do interesse de muitos professores pesquisadores parceiros desse projeto de pesquisa em ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, fruto do trabalho coletivo realizado no Lenpes, em parceria com vários outros projetos/programas de ensino/pesquisa/extensão; com egressos; com discentes da Licenciatura e do Bacharelado de Ciências Sociais e da pós-graduação (Especialização em Ensino de Sociologia e Mestrado em Ciências Sociais); com docentes das diferentes áreas do Departamento; e, sobretudo, com os professores de Sociologia, colaboradores do Laboratório, que atuam nas escolas públicas de Ensino Médio, proporcionou uma série de aprendizados, desnaturalizações e estranhamentos importantes para todos os envolvidos, desde seu processo inicial de preparação.

De certo modo, a potencialização dessa parceria - universidade pública com escolas públicas de Educação Básica - sempre foi um dos principais objetivos do Lenpes. Objetivo este que está na ordem do dia quando recordamos os princípios das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada”, sistematizada na Resolução CNE/CP nº 02/2015. Significa dizer que mais do que uma ação diferenciada de ensino/pesquisa/extensão e um direito dos estudantes e professores, atividades como essas se configuram em obrigações pontuais das licenciaturas em universidades públicas que se preocupam com a qualidade da formação dos profissionais da educação.

Ao mesmo tempo em que os processos de elaboração/aplicação e de experiência metodológica provocada por essa caracterização sociológica contribuíram para a atualização das Propostas Político Pedagógicas das escolas (em especial do item “clientela”, tão genericamente construído em muitos documentos), a mesma vem influenciando indiretamente nos processos de discussão e reformulação da licenciatura em Ciências Sociais, que hoje novamente se atualiza em função das exigências da Resolução CNE/CP nº 02/2015. Ao passo que os dados estatísticos e qualitativos ajudaram na atualização dos Planos de Aula da disciplina de Sociologia voltados aos estudantes do Ensino Médio nas escolas da rede estadual do NRE/Londrina, com dados mais próximos das realidades e das percepções das juventudes dessas localidades, os mesmos dados atualizaram as regências dos licenciandos de Ciências Sociais, os planejamentos pedagógicos, os materiais didáticos organizados pelo Lenpes, as oficinas ministradas nas Jornadas de Humanidades e Semanas de Sociologia, as aulas de Metodologia de Ensino e Estágio Supervisionado dos professores da Área, as aulas ministradas no Mestrado e na Especialização pela referida autora.

Na mesma direção que tal caracterização sociológica sustentou os caminhos de pesquisa para o uso dos referidos dados em monografias, artigos e dissertações de egressos, graduandos, pós-graduandos da Especialização em Ensino de Sociologia, mestrandos e estagiários da licenciatura, contribuindo com a qualificação acadêmica dos professores em formação e já em atuação nas escolas públicas da região, sustentou também um artigo como esse, que se aprovado pelas integrantes da banca, simbolizará uma ascensão de nível na carreira docente dessa autora.

De modo mais ousado, intenciona-se que os resultados dessa pesquisa inspire novas caracterizações sociológicas das juventudes do Ensino Médio das escolas públicas dessa região ou das regiões onde os egressos venham a atuar como cientistas sociais e professores nas escolas. No entanto, que eles não percam de vista que o processo de investigação precisa basear-se, desde seus primórdios, na concepção de juventudes e professores como intelectuais, produtores de saberes/fazereres relevantes. Sem essa perspectiva, que conduz as parcerias de pesquisa/ensino/extensão do Lenpes não teríamos alcançado resultados tão significativos para todos os envolvidos. Mesmo que indiretamente, é essa concepção que vem contribuindo de modo decisivo com o processo de consolidação da Sociologia escolar nessa região, pois ela tem embasado os objetivos do laboratório mesmo antes de ter a nomenclatura como Lenpes, desde quando foi gestado como LES (Laboratório de Ensino de Sociologia) e GAES (Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia), lá no início da década de 1990.

Cientes dessas trajetórias do laboratório, pretende-se que tais processos, dados e caracterizações, continue contribuindo no assessoramento e atualização das práticas docentes de ensino de Sociologia, interferindo, mesmo que indiretamente, nas políticas curriculares que nos orientam no âmbito local, estadual e nacional na grande área das ciências Sociais, ampliando as possibilidades de formação docente (inicial e continuada). No entanto;

Ressaltamos que as escolas que compõem nossa amostra de pesquisa oferecem dados específicos destas instituições, não tendo a pretensão de representar as juventudes no Ensino Médio na região de Londrina como um todo, mas de indicar tendências e perceber características destas juventudes, a partir de informações produzidas pelos próprios “interlocutores”. Da mesma forma que, a escolha das escolas não atendeu aos critérios de percentual de amostragem do ponto de vista estatístico, na medida em que, a essência da pesquisa em sua plenitude tratar-se de um senso do Ensino Médio na região de Londrina (CORREA, 2016, p. 71).

Como nos leva a refletir Correa (2016), os rumos perseguidos por meio dessa pesquisa são ainda incipientes, principalmente porque pretendem-se estudar as juventudes como categoria social plural em constante movimento. Sabe-se que surgirão outras exigências conceituais, diálogos com novos contextos, assim como ferramentas metodológicas mais aperfeiçoadas que, permeados por diferentes concepções e variáveis, expandirão as faces das interpretações dos temas e sistemas que tal investigação vez emergir com base nessa primeira caracterização sociológica.

Mesmo diante da variedade e amplitude das pesquisas sociológicas atuais na área educacional, os fenômenos sociais persistem como sistemas adaptativos complexos, por isso caracterizações sociológicas quantitativas como esta podem dialogar com outras ferramentas metodológicas, especialmente com pesquisas qualitativas, participantes ou não, delineando ângulos ainda inexplorados pelo Lenpes. A própria pesquisa aqui exposta possui dados qualitativos significativos para essa nova frente de investigação. Pois, “trata-se de um novo desafio, que vai obrigar os sociólogos a moverem-se [...] para fora da sua zona de conforto, à procura das margens da disciplina e a [...] explorar novos terrenos intelectuais [...] buscando a colaboração de outras ciências sociais [...]” (CASTELLANI e HAFFERTY apud LISBOA, 2016, p.39).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a Sociologia. (capítulo 10). In: \_\_\_\_ *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. RJ: Editora Zahar, 2010. p. 263-287.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*. Resolução CNE/CP nº. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, nº. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>.

BRASIL. *Observatório do PNE (2014-2014)*. Disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/3-ensino-medio>. Acesso em 07 janeiro de 2018.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16/02/17. Altera as Leis nº 9.394, de 20/12/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e nº 11.494, de 20/06/07, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 01/05/43, e o Decreto-Lei nº 236, de 28/02/67; revoga a Lei nº 11.161, de 05/08/05; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 17 fev. 2017.

BECKER, Howard S. *Falando da sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. RJ: Jorge Zahar, 2009.

CAPELO, M<sup>ª</sup> Regina Clivati. AMARAL, Wagner Roberto do. *Diversidade, escola e os diferentes sujeitos: o que dizer do currículo?* In: LIMA, Angela M<sup>ª</sup> [et al]. *Inclusão: debates em diferentes contextos*. Londrina: UEL, 2013.

CORRÊA, Cristiano Pinheiro. *Múltiplos olhares dos estudantes do Ensino Médio de Londrina e Rolândia/Pr*: uma caracterização sociológica. 161 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. 160p.

CRUZ, Andréia Cristina da. *Gênero nos currículos e nas percepções das/dos estudantes do Ensino Média* uma caracterização sociológica. 2017. 129 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

DAYRELL, Juarez T. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1990.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana* Petrópolis: Vozes, 1975.

LISBOA, Manuel G.da Silva. *Metodologias de investigação sociológica*: problemas e soluções a partir de estudos empíricos. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2016.

MARTINS, José S. Frente pioneira: contribuição para uma caracterização sociológica. *Revista Cadernos do CERU* - Universidade de São Paulo - CERU-USP. p.102-112, 1972. Nº. 05. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83237/86269>. Acesso em: 08 jan.2018.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais*: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PATROCINO, Luis Gustavo. *Metodologia Quantitativa à serviço das Ciências Sociais: práticas de pesquisa do Obeduc e Laboratórios Lerr e Lenpes*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina.

RIBEIRO, Katie Fabiane. *Caracterização Sociocultural dos Estudantes do Ensino Médio*: Estudo de caso em uma escola da Rede Estadual de Londrina. 94 págs. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Sociologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

SANTOS, Tatiane Brito dos. *Caracterização sociológica dos estudantes do Ensino Médio e Profissional do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva – Rolândia/Pr*. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) 2018. (no prelo).

SANTOS, Tatiane Brito dos. *Fatores que interferem no rendimento escolar segundo os estudantes do Ensino Média* uma análise sociológica. Artigo Final da Licenciatura em Ciências Sociais, 2018. (no prelo).

SIMMEL, G. *Sobre a individualidade e as formas sociais*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.